

LEITURA RELIGIOSA E NOVAS TECNOLOGIAS: UM ESTUDO SOBRE O USO DE VERSÕES DIGITAIS DA *BÍBLIA*, DO *ALCORÃO*, DO *LIVRO DE MÓRMON* E DA *TORÁ*

Pollyanna de Mattos Moura Vecchio/CEFET-MG

RESUMO: O objetivo de pesquisa neste estudo é investigar o que acontece com os protocolos de leitura e com a reverência ao suporte material (hábitos comuns na leitura religiosa) diante de versões digitais de obras consideradas sagradas. Para tanto, pesquisou-se a utilização de versões digitais das seguintes obras: a *Bíblia Sagrada* (versão protestante), o *Alcorão*, o *Livro de Mórmon* e a *Torá*. Foram realizadas entrevistas com quatro leitores/usuários de versões digitais dessas escrituras, sendo um representante para cada um dos livros pesquisados. As entrevistas demonstram que, para o leitor da *Bíblia* e para o leitor do *Livro de Mórmon*, não há um caráter sagrado relacionado ao suporte que contém a obra. Entretanto, o primeiro argumenta que há práticas que são mais eficientes se forem feitas no papel, e ambos demonstram preocupações ligadas ao futuro do livro, especialmente sobre a relação que as novas gerações terão com as tecnologias impressas. O leitor do *Alcorão* enfatiza que a versão considerada sagrada é apenas a impressa e em árabe, mas ele manifesta grande aceitação pelas versões digitais, argumentando que possibilitam, entre outras coisas, maior disseminação da religião. O leitor da *Torá* aceita e usa versões digitais, no entanto estabelece uma hierarquia, afirmando que o livro impresso será sempre superior à versão digital, a qual servirá tão somente como uma ferramenta adicional à leitura do texto impresso, não como um substituto.

PALAVRAS-CHAVE: Novas Tecnologias. Protocolos de Leitura. Bíblia. Alcorão. Livro de Mórmon. Torá.

ABSTRACT: The main objective in this paper is to investigate what happens to the protocols of reading and with the reverence to the material support (ordinary habits in religious reading) when one uses a digital versions of books considered sacred. For this purpose, we investigated the use of digital version of the following books: *The Holy Bible* (Protestant version), the *Qur'an*, *The Book of Mormon* and the *Torah*. Interviews were conducted with four readers/users of digital versions of these scriptures, i.e., one representative for each of the books studied. The interviews show that, for the *Bible* reader and the reader of *The Book of Mormon*, there is no sacredness related to the media containing the book. However, the first respondent argues that there are practices more effective if they are done on paper and both the respondents express concerns related to the future of the book, especially about the relationship the younger generations will have with print technologies. The reader of the *Qur'an* emphasizes that the version considered sacred is only the printed version in Arabic, but he supports the digital versions, arguing that they enable greater dissemination of the religion, among other advantages. The reader of the *Torah* accepts and uses digital versions, but he establishes a hierarchy stating that the printed version will always be superior to the digital one, which will serve only as an additional tool to the printed text, not as a substitute.

KEYWORDS: Books, New Technologies, Protocols of Reading, Bible, Qur'an, Book of Mormon,

Torah.

INTRODUÇÃO

Textos religiosos são peças bastante significativas para se entender a história da leitura. Segundo Fischer (2006, p. 38), “na Europa Ocidental, a leitura religiosa chegou a dominar a leitura durante mais de mil anos”. Os livros sagrados foram capazes de transformar sociedades, estabelecendo e mantendo doutrinas e tradições que fazem com que povos tão antigos ainda existam, embora dispersos geograficamente.

Atravessando os séculos, textos religiosos continuam sendo a principal fonte de leitura de muitos povos e seguem exercendo influência sobre o comportamento humano. Tradicionalmente, há vários rituais ligados à prática de leitura desses textos e também há certa reverência ao suporte material que os contém.

Ao mesmo tempo, com o advento das novas tecnologias, cresce a diversidade de mídias e de suportes para leitura. O leitor contemporâneo não depende mais do papel e do códice para ter acesso a conteúdos de seu interesse. Entre as tecnologias disponíveis, há *websites* que disponibilizam obras completas em formato HTML ou em PDF. Há dispositivos para leitura de *ebooks*, audiolivros e aplicativos para leitura compatíveis com a tecnologia dos *tablets* e dos *smartphones*, entre outros.

Diante desse contexto, a pergunta a que este artigo quer responder é: como os protocolos de leitura e a habitual reverência ao suporte material de obras consideradas sagradas se alteram (ou se mantêm) diante de versões digitais dessas obras? Para tanto, considerando o contexto brasileiro e alguns dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que serão relatados mais adiante, escolhemos estudar o impacto das novas tecnologias na leitura de quatro obras religiosas: *A Bíblia Sagrada*, o *Alcorão*, o *Livro de Mórmon* e a *Torá*.

Ressaltamos que, embora seja um estudo sobre obras consideradas sagradas, este artigo não é exatamente sobre religiões, mas sobre leitura e novas tecnologias. Nossa posição será imparcial em relação ao conteúdo dos livros e à sua procedência supostamente milagrosa. Na verdade, embora relatados à guisa de contextualização, esses temas não serão nosso alvo de debate. As seções que descrevem as religiões, seus respectivos livros e práticas de leitura foram primeiramente baseadas nas entrevistas e posteriormente conferidas em consulta a dicionários de religiões.

O que nos interessa investigar é: 1) a disponibilidade das obras em tecnologia digital; 2) suas práticas de leitura tradicionais; e, por fim, 3) o impacto das novas tecnologias sobre a leitura religiosa, tendo como ponto de partida a opinião de leitores/usuários das obras em versões digitais.

O artigo se divide em quatro seções. A primeira contextualiza o papel de obras religiosas na história geral da leitura e expõe a opinião de alguns estudiosos sobre a relação entre leitura e novas tecnologias. A segunda seção descreve a metodologia adotada no estudo. A terceira apresenta cada uma das obras sagradas e os dados e opiniões relevantes obtidos em cada entrevista. Na sequência, a quarta seção apresenta uma discussão sobre as opiniões dos leitores entrevistados, tendo como referência estudos sobre leitura, cognição e letramento.

1 REFERENCIAL TEÓRICO: LEITURA RELIGIOSA E NOVAS TECNOLOGIAS

A leitura religiosa é bastante peculiar, principalmente porque perpetua práticas bastante antigas, que remontam à Idade Média e a épocas ainda mais longínquas, em que a transferência do conhecimento se dava mais pela oralidade do que pela escrita. Uma dessas práticas é a conservação da leitura intensiva no lugar da leitura extensiva. Segundo Chartier:

na segunda metade do século XVIII, à leitura intensiva haveria de suceder outra, qualificada de extensiva. O leitor intensivo é confrontado com um corpus limitado e fechado de textos lidos e relidos, memorizados e recitados, ouvidos e sabidos de cor, transmitidos de geração a geração. Os textos religiosos, e em primeiro lugar a Bíblia nos países protestantes, são os alimentos privilegiados desta leitura, fortemente marcada pela sacralidade e autoridade. O leitor extensivo, o da *Lesewut*, da ânsia da leitura que toma conta da Alemanha no tempo de Goethe, é um leitor totalmente outro: ele consome muitos e variados impressos; lê-los com rapidez e avidez, exerce em relação a eles uma atividade crítica que, agora, submete todas as esferas, sem exceção, à dúvida metódica (CHARTIER, 1994, p. 189).

Na contramão da leitura extensiva, leitores de textos religiosos costumam ler intensivamente o cânone de sua religião. Muitos mantêm horários regulares de leitura diária (individualmente, em família ou em grupos); alguns já leram a obra inteira diversas vezes ao longo da vida; outros estudam os textos minuciosamente, buscando interpretações de cada mínimo detalhe; já outros recitam os textos repetidamente a fim de memorizá-los, retomando uma prática comum em épocas em que a oralidade prevalecia sobre a leitura.

Há também vários protocolos relacionados à forma como um texto religioso deve ser lido, manuseado e guardado. Segundo um dos entrevistados em nossa pesquisa, a leitura da Torá, por exemplo, é o mais importante ato público do ritual judaico, e a própria filiação ao judaísmo se manifesta na primeira vez em que a pessoa é “chamada à Torá”, ou seja, quando lê trechos da obra pela primeira vez dentro do ritual litúrgico semanal, analogamente ao batismo protestante (ENTREVISTADO 4, 2013). Ainda hoje, dentro das sinagogas, há edições da obra manuscrita em pergaminho.

Segundo Fischer (2006), no caso da leitura do Alcorão, em virtude de uma forte herança da tradição oral, alguns muçulmanos ainda o leem usando ritmos específicos que acompanham cada linha do texto escrito e são “seguidos pelo movimento de balançar o tronco para frente e para trás” (p. 141).

Concomitantemente à permanência dessas práticas, a tecnologia digital avança em todo o mundo. Segundo Fischer (2006, p. 281), a popularização do computador pessoal, a partir dos anos 1990 e mais intensamente nos anos 2000, revolucionou as práticas de leitura em todo o mundo, uma vez que “todos que utilizam um PC podem acessar o mundo de casa ou da escola, quase sempre fazendo algum tipo de uso da leitura e da escrita”. Atualmente, com o advento e a expansão das tecnologias móveis (como os celulares, *notebooks* e *tablets*) e com a maior disponibilidade de internet banda larga, ler na tela tem se tornado uma atividade cada vez mais frequente.

Diante disso, hábitos tradicionais de leitura têm sido alterados em função dos novos suportes. A esse respeito, Ribeiro (2012) afirma que:

atualmente é possível ler sentado, com as pernas encolhidas sob um teclado e os olhos

vidrados na luz do monitor, ou ler mil livros mostrados na tela de um tablet.(...) Cada objeto de ler, associado à arquitetura dos textos e imagens que suporta, é apropriado pelo leitor, que aprende uma espécie de “roteiro”. As sequências mais ou menos rígidas de leitura de textos (em objetos) são aprendidas na experiência (RIBEIRO, 2012, p. 21).

Essas sequências mencionadas por Ribeiro envolvem mudanças nas ações de manuseio do novo suporte, as quais substituirão atos já incorporados à leitura do impresso, como a forma de segurar o livro, passar-lhe as páginas, encontrar palavras, fazer anotações laterais, marcar trechos, etc. Wolton (2003) afirma que o desafio para se entender as mudanças advindas das novas tecnologias, em especial a Internet, é saber se existe uma relação entre esse sistema técnico e uma ruptura no modelo de comunicação construído social e culturalmente ao longo de muitos séculos.

Chartier (2007) entende que o avanço das técnicas é sempre mais rápido que a evolução das práticas de leitura. Já Pierre Lévy (1993) afirma que as maneiras de pensar e de comunicar dos seres humanos são condicionadas por processos materiais. Aponta que “se algumas formas de ver e agir parecem ser compartilhadas por grandes populações durante muito tempo, isto se deve à estabilidade de instituições, de dispositivos de comunicação, de formas de fazer [...], de técnicas em geral [...]” (LÉVY, 1993, p. 16). Assim, conforme afirmou Ribeiro (2012) na citação anterior, quando uma nova tecnologia se estabelece, aprendemos a lidar com ela por analogia com os critérios e os procedimentos mentais ligados às tecnologias intelectuais que a precederam.

Muitas vezes, o ambiente digital potencializa atividades analógicas já existentes no texto impresso. Por exemplo, os *softwares* ou aplicativos de leitura com versões disponíveis para computadores, *smartphones* e *tablets* oferecem ao leitor as comodidades tecnológicas próprias do hipertexto e da hipermídia. Por intermédio desses *softwares*, o leitor passa a contar com interfaces mais adequadas ao modo de assimilação da informação em um ambiente que se caracteriza essencialmente pela facilidade de utilização de recursos multimídia. Muitas vezes, o leitor conta também com o acesso aos conteúdos em telas com a praticidade e a rapidez da tecnologia *touchscreen*.

Além das mudanças em relação ao formato, há também alterações cognitivas na maneira como se lê um texto digital. Soares (2002) afirma que:

a tela como espaço de escrita e de leitura traz não apenas novas formas de acesso à informação, mas também novos processos cognitivos, novas formas de conhecimento, novas maneiras de ler e de escrever, enfim, um novo letramento, isto é, um novo estado ou condição para aqueles que exercem práticas de escrita e de leitura na tela (SOARES, 2002, p. 152).

Somadas a todas essas modificações que a leitura digital acarreta, há que se ressaltar também a acessibilidade e a portabilidade. A acessibilidade colabora para que a distribuição do conteúdo seja mais rápida e barata. O leitor pode baixar um livro pela internet (gratuito ou pago) e lê-lo logo em seguida, sem pagar pelo frete ou esperar pela entrega, que muitas vezes não é oferecida nos casos de importação, por exemplo.

Evidentemente, o sentimento de posse diante do objeto digital é bastante diferente se comparado ao objeto físico. Ao adquirir um livro impresso, o leitor pode manuseá-lo, sentir sua textura, escrever nele o seu nome, guardá-lo em uma estante e saber que ele sempre estará lá. Mas o que dizer do texto digital? A esse respeito, Chartier argumenta que:

a representação eletrônica dos textos modifica totalmente a sua condição: ela substitui a

materialidade do livro pela imaterialidade de textos sem lugar específico; às relações de contiguidade estabelecidas no objeto impresso ela opõe a livre composição de fragmentos indefinidamente manipuláveis; à captura imediata da totalidade da obra, tornada visível pelo objeto que a contém, ela faz suceder a navegação de longo curso entre arquipélagos textuais sem margens nem limites. Essas mutações comandam, inevitavelmente, imperativamente, novas maneiras de ler, novas relações com a escrita, novas técnicas intelectuais (CHARTIER, 1994, p. 100-101).

Em relação à leitura religiosa, todos esses novos suportes, práticas e atividades cognitivas poderiam trazer vantagens ou desvantagens para o leitor. Por exemplo, a portabilidade dos suportes poderia ser vantajosa, uma vez que o leitor teria seu cânone sempre disponível para lê-lo onde quer que estivesse. Além disso, a praticidade do *e-book* e dos aplicativos para leitura, com a possibilidade de se manter um bloco de anotações e marcações salvo em nuvem, poderia centralizar os estudos do leitor, o qual teria acesso a suas anotações na tela do celular, do *tablet* e do computador pessoal. Por outro lado, a imaterialidade dos textos digitais mencionada por Chartier faria com que muitos rituais de leitura se tornassem impossíveis. Segundo informações colhidas em nossas entrevistas, muçulmanos e judeus, por exemplo, têm o hábito de não jogar no lixo seus livros sagrados, mesmo quando estão velhos ou gastos. Mas o que fazer com as versões digitais? A pergunta parece inocente, mas coloca em xeque o contraste “impresso *versus* digital”, “tradição *versus* contemporaneidade” e “materialidade *versus* imaterialidade”. São esses contrastes que tentamos discutir nas entrevistas com leitores de obras sagradas que serão apresentadas na seção 3 deste artigo.

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa tem caráter exploratório e insere-se no método qualitativo. A escolha das obras foi feita com base no Censo Demográfico 2010, conduzido pelo IBGE. Segundo esse levantamento, o cristianismo é a religião predominante no Brasil, com 169.329.176 adeptos, englobando 89% da população¹. No entanto, outras “religiões do livro”, conforme as denomina Fischer (2006, p.132), também estão presentes no País. Segundo dados do mesmo censo, o islamismo (ou seja, a religião cujo livro sagrado é o *Alcorão*) tem 35.167 membros no Brasil; o judaísmo (religião cuja principal obra sagrada é a *Torá*) tem 107.329 membros no País; e a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (única denominação cristã que considera sagrada outra obra além da *Bíblia*, no caso o *Livro de Mórmon*) tem 226.509 membros no Brasil.

Foram considerados como versões digitais os *ebooks*, os audiolivros, os aplicativos para *smartphones* e *tablets*, as versões on-line em formato HTML ou PDF e os *softwares* para leitura na tela do computador. Foram realizadas entrevistas com leitores/usuários de versões digitais dessas escrituras. Nossos critérios para seleção dos entrevistados foram: 1) ser membro ativo de alguma congregação religiosa que adota a obra sagrada; 2) ser leitor assíduo da obra sagrada (o que, para nós, significou ler ou estudar a obra numa frequência entre diária e semanal) e 3) utilizar alguma versão digital da obra. Por meio de pesquisas pela internet e indicações pessoais, conseguimos chegar a quatro pessoas dentro do perfil, um representante para cada uma das obras estudadas.

As entrevistas tiveram caráter semiestruturado e foram gravadas em áudio, em janeiro de 2013. Foi feito um roteiro com perguntas que começavam com uma identificação do perfil do entrevistado, depois seguiam para sua atuação dentro da congregação religiosa. Em seguida,

perguntava-se sobre os protocolos tradicionais de leitura da obra e, por fim, abordava-se o uso das versões digitais. Pediu-se ao entrevistado que relatasse (e demonstrasse) suas práticas de leitura e estudo com a versão digital e a sua opinião a respeito da relação entre impresso e digital na leitura de obras sagradas.

3 APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Nesta seção, apresentaremos os dados obtidos nas entrevistas, assim como uma breve descrição das obras selecionadas para estudo. As descrições das obras e das religiões que as adotam foram feitas mediante o confronto entre as informações colhidas nas entrevistas e a consulta aos verbetes correspondentes em cinco dicionários sobre religiões, quais sejam: *Dicionário das religiões* (1989), de John R. Hinnells; *Dicionário das religiões* (1995), de Mircea Eliade e Ioan P. Couliano; *Dicionário básico das religiões* (1996), de Pedro Santidrián; *Léxico das religiões* (1998), organizado por Franz König e Hans Waldenfels, e *Dicionário histórico de religiões* (2002), de Antônio Carlos do Amaral Azevedo e Paulo Geiger. Além disso, a fim de evitar problemas de má interpretação das entrevistas, após a redação do artigo, enviamos uma cópia inédita para cada um dos entrevistados, solicitando-lhes que o lessem e interferissem em pontos que pudessem ter sido mal interpretados. Apenas dois dos entrevistados nos responderam após a leitura, e nenhum deles solicitou alteração no artigo.

3.1 A Bíblia Sagrada

A *Bíblia*, aqui entendida como a união do Antigo e do Novo Testamento, é a obra considerada sagrada para o cristianismo. O texto é dividido em livros, capítulos e versículos. Na versão protestante (ou seja, sem os livros chamados apócrifos, considerados sagrados somente pela Igreja Católica), a *Bíblia* tem 66 livros que, entre narrativa, genealogia e doutrina, englobam eventos desde a versão cristã para a criação do mundo até o século I d.C.

3.1.1 Entrevista com leitor/usuário

O entrevistado que falou sobre a leitura da *Bíblia* é brasileiro, tem 29 anos, possui pós-graduação *lato sensu* em Administração e é empresário no ramo de tecnologia e telecomunicações. É membro ativo de uma denominação cristã/evangélica filiada à Convenção Batista Brasileira, atua voluntariamente como líder dos membros jovens e coordena um encontro semanal de estudos bíblicos para um pequeno grupo em sua casa. É casado e não tem filhos. De agora em diante, ele será chamado de Entrevistado 1.

Em relação às suas práticas de leitura, o Entrevistado 1 relata que lê a *Bíblia* todos os dias (individualmente e com a esposa), prepara um estudo semanal para ser discutido em grupo e usa a obra para acompanhar as cerimônias de sua congregação. Também relata que, embora trate com respeito o suporte que contém o texto bíblico, não existe nenhum ritual específico de manuseio ou de reverência ao livro impresso.

Em relação à *bíblia* digital, relata que atualmente utiliza as seguintes versões: o *website*

bibliaonline, um aplicativo para *Android* e *softwares* com o texto *off-line* em seu computador pessoal. Em relação ao *website*, relata que sua grande vantagem é a facilidade de navegação entre os vários livros e capítulos da *Bíblia* (uma vez que estão dispostos em hiperlinks), a possibilidade de busca rápida por palavras ou trechos e a disponibilidade de diferentes versões em várias línguas. Segundo o Entrevistado 1, antes das versões digitais, ele já gostava de comparar traduções e linguagens da *Bíblia* em português, mas precisava abrir os livros se quisesse compará-los. Com a versão digital, bastam alguns cliques e o próprio site abre uma página com duas colunas que exibem versões diferentes da *Bíblia* para que o usuário as compare, como pode ser visto na Figura 1, a seguir, em que se comparam duas versões do capítulo 1 do livro de Gênesis.

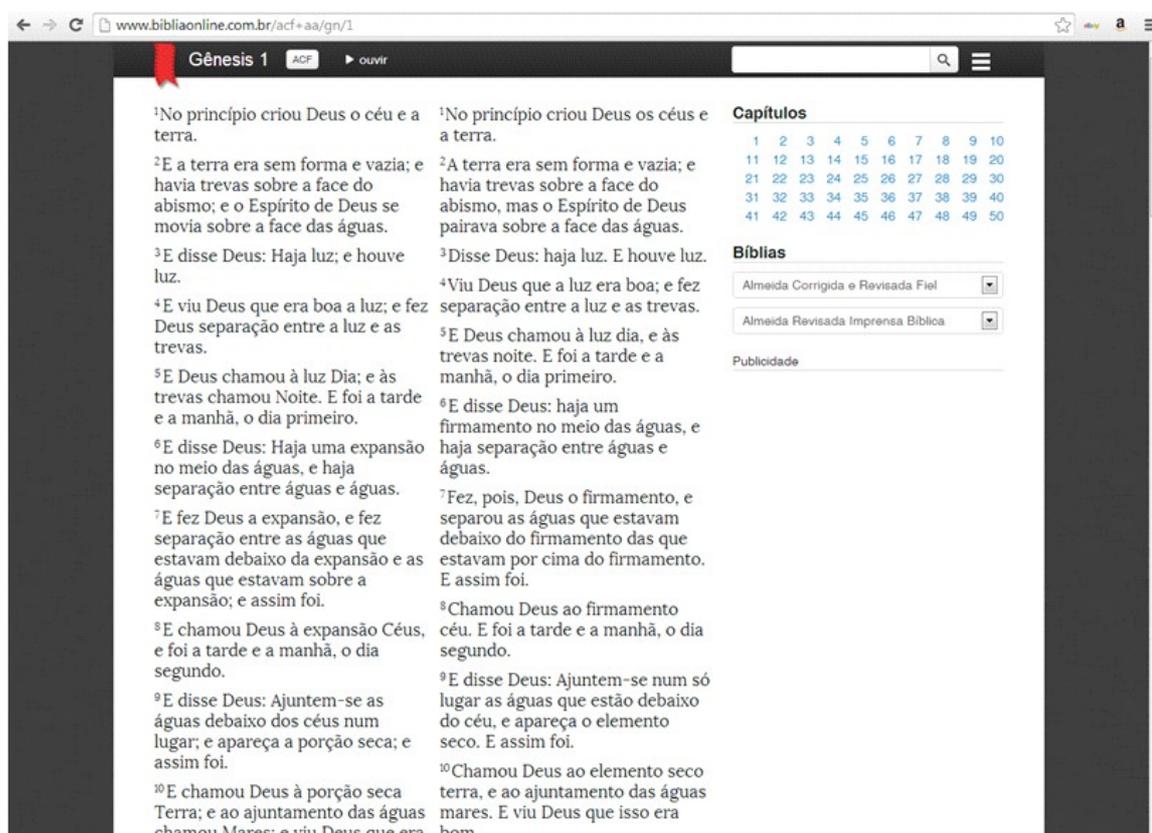


Figura 1: Printscreen do website bibliaonline.

Sobre as vantagens do aplicativo para *Android*, o Entrevistado 1 ressalta a portabilidade, a eficiência das ferramentas de busca e a possibilidade de compartilhamento em redes sociais.

Embora seja usuário de versões digitais, relata que ainda não descartou a versão impressa e que a utiliza frequentemente em seu estudo individual diário e para o estudo semanal em grupo. Sobre a relação entre impresso e digital na leitura de obras sagradas, o Entrevistado 1 relata que:

De fato, a gente ganha uma afinidade muito maior com o livro físico, na minha visão. Quando você marca o trecho, você memoriza onde ele está. Até a ordem dos livros fica muito mais simples de se decorar do que em uma Bíblia digital. A Bíblia digital, a meu ver, é

para procuras rápidas, para leituras rápidas. Para uma leitura longa, para um estudo, por exemplo, é muito mais simples, prático e eficiente o uso de uma bíblia convencional. [...] Eu crio uma relação com a minha Bíblia, assim como com outro livro que eu goste de ler. Eu risco, rabisco, volto a página... Dos jovens que estão chegando hoje para a minha fé, poucos têm o hábito de ler a bíblia impressa. E os que usam aplicativo sabem usá-lo muito bem, mas têm dificuldade de achar um livro ou trecho na versão impressa diante de tantos livros bíblicos. Essa é uma grande desvantagem que eu particularmente converso com os pastores e digo que a gente tem que tomar cuidado e continuar incentivando a leitura da bíblia impressa. [...] Na verdade, eu vejo os aplicativos e os meios eletrônicos como ferramentas para leitura e estudos. E não é por conservadorismo não, é porque eu realmente acho que o aprendizado com o livro impresso é melhor e o manuseio também é melhor (Entrevistado 1).

3.2 O Alcorão

O *Alcorão* (também chamado de Corão ou Qu'ran) é o livro sagrado para o islamismo. Segundo a crença muçulmana, o livro foi revelado por Deus ao profeta Maomé (Muhammad) por intermédio do anjo Gabriel. Seu texto descreve as origens do universo, os homens e as suas relações entre si e com o seu criador. Define leis que pretendem funcionar como uma constituição para o seu povo e englobam questões de moralidade, economia, saúde e outros assuntos. A princípio, não era escrito e sim memorizado em forma de recitação melódica por Maomé e seus seguidores. Só depois se tornou escritura. Segundo o nosso entrevistado, a palavra “alcorão” deriva do verbo árabe que significa declamar ou recitar. O livro está organizado em 114 capítulos, denominados suras, ordenadas de forma aleatória e divididas em versículos.

3.2.1 Entrevista com leitor/usuário

O entrevistado que falou sobre a leitura do *Alcorão* é brasileiro, tem 55 anos, possui graduação em História e mestrado em Meio Ambiente. É bancário aposentado e atualmente dá aulas de História esporadicamente. É muçulmano e frequenta assiduamente uma mesquita. Não possui um cargo oficial de liderança, mas costuma servir como voluntário, concedendo palestras e entrevistas sobre o Islã. É divorciado e tem um filho. De agora em diante, ele será chamado de Entrevistado 2.

Em relação às suas práticas de leitura do *Alcorão*, o Entrevistado 2 relata que faz uma leitura intensa individual da obra diariamente na edição em português e que pratica a recitação melódica do texto em árabe, segundo a tradição islâmica. Na verdade, ele esclarece que, embora os muçulmanos possam estudar o texto do *Alcorão* em outras línguas, a língua litúrgica do islamismo é o árabe corânico, e a obra considerada realmente sagrada é a versão impressa e em árabe. As outras são ferramentas para melhor aprendizado do conteúdo do texto. Assim, qualquer muçulmano, independentemente da nacionalidade ou da língua materna, deve aprender e praticar a recitação do texto em árabe, com o objetivo de memorizá-lo.

Sobre os protocolos de leitura, manuseio e reverência em relação à obra impressa em árabe, o Entrevistado 2 lista vários protocolos, a saber: é proibido escrever no *Alcorão*, colocar nome, usar caneta marca-texto, etc; só um muçulmano pode tocar o *Alcorão*, a não ser que alguém o compre em uma livraria, pois não é possível controlar isso; é proibido arrancar páginas; o livro deve ser guardado no alto, acima do nível do umbigo, e não pode ser misturado com livros profanos; pode-se lê-lo na cama ou no sofá, sentado ou deitado, mas o livro não pode ser levado para o banheiro, sequer seu conteúdo deve ser discutido em banheiros; antes de pegar o livro, o leitor deve

fazer abluções, ou seja, assepsia das mãos ou mesmo tomar banho, caso se sinta sujo. Além disso, a versão impressa em árabe vem sempre em capa dura, com o intuito de proteger seu conteúdo considerado sagrado. Também é proibido reciclar ou jogar cópias velhas do *Alcorão* no lixo. Como solução alternativa, as cópias devem ser enterradas ou queimadas de uma maneira respeitosa.

Em relação às versões digitais, o Entrevistado 2 relata que conhece e apoia versões digitais do *Alcorão* e que sabe de muitos muçulmanos que as utilizam. Atualmente, ele utiliza versões em áudio de recitações da obra em mp3 ou CD, além de *websites* com o texto escrito e videoaulas sobre a recitação correta da obra.

Sobre as vantagens da versão digital em áudio, o Entrevistado 2 destaca a possibilidade de ouvir o *Alcorão* em seu aparelho de mp3 enquanto anda pelas ruas, ou de escutar CDs em sua casa a fim de aprimorar sua prática de recitação melódica e melhorar sua pronúncia do árabe, uma vez que não é falante nativo da língua. Para esse fim, afirma que também lhe são muito úteis as videoaulas e as recitações disponíveis on-line.

Quando perguntado sobre a relação entre impresso e digital na leitura de obras sagradas, o Entrevistado 2 afirma não reconhecer nenhuma concorrência ou desvantagem, uma vez que, segundo ele, a tecnologia sempre ajudou no crescimento do islamismo, desde a época em que os megafones ajudavam a chamar os membros para a reza coletiva, nos primeiros séculos da religião, até hoje em dia, com a difusão da religião por meio da internet. Além disso, ressalta a importância das versões digitais para se evitar distorções no texto, como aconteceu no início da religião. Nas suas palavras:

Quem é muçulmano não pensa em velha ou nova geração. A religião é ortodoxa, é tradicional. (...) Essas gerações jovens que estão dentro do Islã convivem com esse mundo moderno, tecnológico, com joguinhos, etc., mas também convivem com o ortodoxo, com o tradicional, com o comunitário, ou seja, com a religião. (...) Se pegarmos uma versão digital do Alcorão e uma versão impressa ou mesmo manuscrita e antiga, vemos que é a mesma coisa, não tem um ponto fora do lugar. É simplesmente uma questão de tecnologia e história. Antes não existia isso. Antes o Alcorão era passado verbalmente e até mesmo de forma errada. Não há nenhuma contradição entre religião e ciência, entre religião e essa tecnologia que favorece as pessoas a aprenderem sobre o Islã (Entrevistado 2).

3.3 O Livro de Mórmon

Juntamente com a *Bíblia* e com duas outras obras, *O Livro de Mórmon* é a obra considerada sagrada para os membros d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, popularmente conhecidos como "mórmons" em razão do nome do livro. A obra conta a história de duas civilizações de origem judaica que viveram nas Américas: uma que viveu entre os anos 600 a.C. e 400 d.C., aproximadamente, e outra proveniente da época da Torre de Babel. Apresenta narrativas e doutrina, e, segundo seus seguidores, o evento mais importante descrito no livro é a visita de Jesus Cristo às Américas logo após sua crucificação. É composto por 15 livros, os quais são divididos em capítulos e versículos, totalizando aproximadamente 630 páginas.

Segundo a tradição, foi escrito em egípcio antigo, em placas de ouro, por diversos profetas e traduzido por inspiração divina para o inglês, em 1830, por Joseph Smith Jr., considerado o primeiro profeta dos Últimos Dias pelos membros da religião. Segundo informações do *website* oficial da religião (www.lds.org), hoje em dia o livro é publicado e lido em diversas línguas.

3.3.1 Entrevista com leitor/usuário

O entrevistado que falou sobre a leitura do *Livro de Mórmon* é brasileiro, tem 29 anos, é graduado em Administração e trabalha como analista de contratos em uma empresa nacional de grande porte. É membro ativo d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Atua voluntariamente como secretário executivo de uma estaca, ou seja, segundo ele, uma esfera hierárquica responsável por um território que, neste caso, envolve seis unidades da Igreja na região metropolitana de uma capital brasileira. Além disso, foi missionário por tempo integral entre os 19 e os 21 anos de idade. É casado e tem uma filha. De agora em diante, ele será chamado de Entrevistado 3.

Em relação às suas práticas de leitura, o Entrevistado 3 relata que lê *O Livro de Mórmon* todos os dias, individualmente e com a família. Afirma que trata com respeito o suporte físico que contém a obra, mas que não existe nenhum ritual específico de manuseio ou de reverência, a não ser o hábito de orar antes da leitura.

Em relação às versões digitais, o Entrevistado 3 relata que já aderiu por completo a elas em seus estudos pessoais devido à praticidade de manuseio, à portabilidade dos suportes e à possibilidade de manter seu cânone inteiro dentro de um só dispositivo. Esclarece que só usa o texto impresso para ler para a filha uma versão especial para crianças.

Relata que atualmente utiliza o *website* oficial da Igreja para ler *O Livro de Mórmon* em formato HTML e ressalta a praticidade de copiar e colar trechos dessa versão quando está preparando uma aula ou um discurso a ser proferido na cerimônia litúrgica semanal. Também utiliza um aplicativo para iOS que funciona como uma biblioteca e oferece ao usuário, além d'*O Livro de Mórmon*, as outras obras-padrão de sua religião e publicações auxiliares, como biografias e ensinamentos de líderes, dicionários religiosos e revistas da Igreja.

O Entrevistado 3 afirma que uma das vantagens da versão digital é a possibilidade de conseguir conservar sua leitura diária das obras-padrão de sua crença, apesar de ter uma vida bastante atarefada. Esclarece que usa o aplicativo durante aproximadamente três horas por dia, que é o tempo que passa no ônibus especial da empresa para ir e voltar do trabalho. Relata que a prática constante fez com que ele aprendesse e passasse a utilizar frequentemente as várias funções do aplicativo. Entre elas, ele descreve a possibilidade de marcar trechos, fazer anotações e armazená-las em um caderno salvo em nuvem; atribuir etiquetas (*tags*) a trechos da obra; acessar com um clique algumas referências cruzadas, presentes ao longo de toda a obra; associar trechos e criar sua própria referência cruzada e fazer buscas por palavras ou trechos que trazem resultados não só do conteúdo d'*O Livro de Mórmon*, mas de todo o material disponível de sua religião, inclusive publicações ainda não baixadas. A Figura 2, a seguir, traz uma das telas do aplicativo para iOS do Livro de Mórmon em inglês.

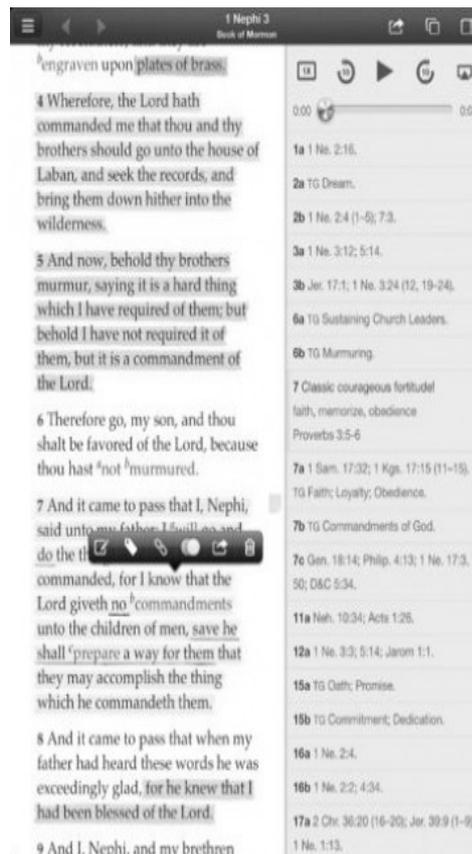


Figura 2: Tela para leitura do Livro de Mórmon em inglês no aplicativo para iOS.

Quando perguntado sobre a relação entre impresso e digital na leitura de obras sagradas, o Entrevistado 3 afirma que, nos seus hábitos pessoais de leitura, não reconhece nenhuma desvantagem no uso dessas versões, somente vantagens. No entanto, apresenta algumas preocupações em relação ao futuro ao afirmar que:

Logo no início, quando comecei a usar o meu celular para tudo relacionado à igreja, tive uma preocupação porque, enquanto eu crescia, eu via meu pai lendo as escrituras. Eu sabia que ele estava lendo as escrituras porque ele estava no sofá com o livro em mãos, lendo e fazendo anotações em um caderno ao lado. [...] Hoje em dia, eu não sei se minha filha vai entender isso. Por exemplo, se eu estou com o celular na mão, eu posso estar lendo *O Livro de Mórmon*, ou mandando email para alguém, ou consultando alguma coisa na internet... podem ser várias coisas. Então eu não sei até que ponto ela vai entender o que eu estou fazendo no momento. Isso para mim é uma grande desvantagem. Meu pai é um grande exemplo para mim e, quando eu o via lendo *O Livro de Mórmon*, isso sempre despertou em mim o desejo de ler *O Livro de Mórmon* (Entrevistado 3).

3.4 A Torá

A Torá é constituída pelos cinco primeiros livros da Bíblia Hebraica, ou seja, Gênesis,

Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. É considerada sagrada pelos judeus, assim como os outros livros da Bíblia Hebraica e o *Talmude*, que é um conjunto de interpretações bíblicas e discussões sobre o judaísmo. Embora haja versões contemporâneas com divisões do texto em capítulos e versículos, a *Torá* tradicional não tem divisões em partes, nem marcas de pontuação. Acima da linha do texto, há marcações musicais e abaixo há marcas de vocalização. Nos primórdios, foi transmitida oralmente, em forma de canto. Só depois, paulatinamente, os livros se tornaram escrita.

Segundo nosso Entrevistado, nas cerimônias religiosas, o condutor usa a *Torá* manuscrita em pergaminho, que é considerado o objeto mais sagrado dentro de uma sinagoga. Para a leitura individual e para o estudo, em geral se usa a versão impressa em livro.

3.4.1 Entrevista com leitor/usuário

O entrevistado que falou sobre a leitura da *Torá* é brasileiro, tem 50 anos e possui mestrado em Língua Hebraica. Atua profissionalmente como rabino, o que implica trabalhar como professor de ensino religioso e de hebraico, exercer liderança sobre a congregação e conduzir cerimônias religiosas. Pertence à linha do judaísmo progressista, também conhecido como liberal ou reformista. É casado e tem filhos. De agora em diante, ele será chamado de Entrevistado 4.

Em relação às práticas de leitura, relata que, no judaísmo, recomenda-se que os membros leiam a *Torá* pelo menos três vezes por semana, individualmente ou em comunidade, mas não existe nenhuma orientação sobre a forma como deve ser lida. Esclarece que a edição mais comum apresenta o texto em hebraico em uma página, a tradução na página ao lado e diversos comentários nas notas de rodapé. Assim como os muçulmanos, os judeus priorizam a leitura na língua litúrgica, e as cerimônias também são em hebraico.

Em relação às versões digitais, o Entrevistado 4 relata que, durante vários anos no ofício de professor, teve dificuldades em preparar material de aula utilizando somente fotocópias de trechos da *Torá*. Esclarece que, além de não poder criar ou editar textos em hebraico, as marcações musicais acima da linha do texto da *Torá* e as marcas de vocalização abaixo precisavam ser apagadas com corretivo para não confundirem os alunos que estavam aprendendo hebraico ou ensino religioso. Foi então que ele descobriu o programa *Davka Writer*, um editor de textos para *Windows* desenvolvido pela comunidade judaica.

O *Davka Writer* traz textos completos e editáveis do cânone judaico e possui ferramentas com as quais é possível: compor e editar textos em hebraico; escolher entre 55 fontes diferentes de hebraico; copiar e colar trechos bíblicos e “limpar” as marcações de canto e/ou marcas de vocalização; usar corretor automático; traduzir textos do hebraico para o inglês e vice-versa; buscar palavras ou trechos, entre outros recursos. O entrevistado relata que o editor *Word*, da empresa *Microsoft*, também disponibiliza e reconhece fontes em hebraico, mas não com a mesma eficácia e variedade do *Davka Writer*. A Figura 3, a seguir, traz uma das telas do *software Davka Writer* na sua versão *Platinum 6*. Na figura, vemos o funcionamento de um corretor ortográfico para palavras em hebraico.

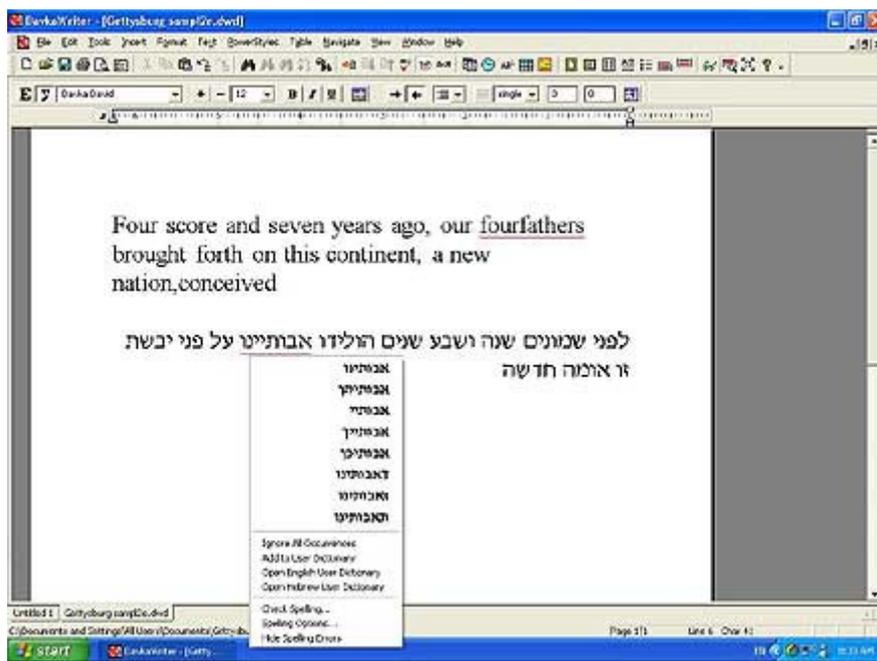


Figura 3 - Software Davka Writer Platinum 6. Corretor ortográfico.

Embora seja um entusiasta do *Davka Writer* e conheça outras ferramentas digitais para leitura religiosa, o Entrevistado 4 relata que faz sua leitura da *Torá* somente em livro e pergaminho. Quando perguntado sobre a relação entre impresso e digital na leitura de obras sagradas, relata que:

A versão em pergaminho é sagrada e isso já está incorporado na comunidade. A comunidade beija o pergaminho quando passa por ele. Então eu acho que não tem chances de se perder essa santidade, mesmo com as versões digitais. O pergaminho fica para sempre como o mais sagrado e com uma certa aura ao redor dele. Sobre a questão livro *versus* versão digital, se um vai ser mais sagrado que o outro, eu diria que sim. Até hoje, o nome de Deus em hebraico escrito em um livro dá uma certa santidade a esse livro. Não se pode jogar no lixo o livro da *Torá*. Se ele cair, eu tenho que beijá-lo. Se ele não puder ser mais usado, se tiver traças, a gente junta e leva para o cemitério e enterra para que ele volte à natureza. E isso não acontece com as versões digitais. Nunca vi ninguém comentando em apagar o nome de Deus na internet ou numa mídia digital. [...] Então vai ter essa hierarquia sim: o pergaminho é o mais sagrado, a versão impressa também é sagrada, mas não tanto quanto o pergaminho, e as versões digitais não vão chegar a esse patamar de santidade, serão só mesmo uma questão de ferramenta (Entrevistado 4).

4 DISCUSSÃO

A predileção do Entrevistado 1 pela leitura da *Bíblia* em suporte impresso provavelmente reflete o posicionamento de uma parcela da sociedade que está num lugar intermediário entre uma geração marcadamente mais analógica e outra que já nasceu na era das tecnologias digitais, ou seja, a geração dos “nativos digitais”. Observamos, por exemplo, que ele utiliza a *Bíblia* digital, mas prefere a versão impressa. Embora admitamos que a classificação em

gerações (em questão de tecnologia) apresente falhas, uma vez que nem sempre a idade reflete a afinidade que uma pessoa tem com determinada tecnologia, essa classificação parece se adequar bem a esse caso. Embora a opinião do Entrevistado 1 seja contrária ao que defende Soares (2002), ou seja, de que não se trata de uma prática melhor ou pior que a outra em termos de eficiência no aprendizado, mas de um novo letramento, por outro lado, ele é respaldado pela pesquisadora e professora da UFRJ Nizia Villaça, que, em seu livro *Impresso ou eletrônico?*, argumenta que “a leitura de fruição só se completa com o contato corporal com o livro” (2002, p. 62).

Em relação ao Entrevistado 2, é interessante notar que, embora tenha listado tantos protocolos de leitura do *Alcorão* impresso, ele parece estabelecer uma diferença bastante nítida entre o conteúdo da obra (considerado inviolável e independente do suporte que o contém) e os protocolos de leitura e manuseio do livro impresso. Embora tenha afirmado, no início da entrevista, que o *Alcorão* considerado sagrado é o impresso e em árabe, ele apresenta uma visão bastante acolhedora para as versões digitais da obra como ferramentas para aprofundamento de estudos e disseminação da religião. Afirma que, por uma questão histórica e tradicional, as versões digitais não substituirão a importância da obra impressa em termos de sacralidade, mas, segundo o leitor, elas são muito bem-vindas. Suas palavras respondem questionamentos a respeito do futuro do livro e corroboram a posição de Umberto Eco e Jean-Claude Carrière (2010) de que o livro como o conhecemos hoje conviverá com outros objetos de ler. Numa linha semelhante de pensamento, Santaella (2004) afirma que, na história das publicações, muitas vezes já aconteceu de mudanças no suporte utilizado alterarem significativamente seu alcance e, por conseguinte, aumentarem o número de leitores. No entanto, para a autora, nem sempre essas variações significaram, em um primeiro momento, mudanças na maneira de pensar, produzir, projetar a apresentação dos conteúdos, o que acontece bem mais devagar.

A grande adesão do Entrevistado 3 às versões digitais e sua facilidade para a utilização das ferramentas parece indicar que ele já esteja experimentando o novo letramento mencionado por Soares (2002). Ou seja, ele provavelmente está se apropriando de práticas de leitura que são próprias do ambiente digital e que não necessariamente imitam ou substituem as práticas com o impresso, conforme defendido por Ribeiro (2012). No entanto, sua preocupação com o exemplo que vai dar à filha pode refletir a mesma relação intermediária entre gerações observada na prática do Entrevistado 1, que falou sobre a *Bíblia*. Sua preocupação de que a filha não entenda que ele está lendo a obra sagrada no celular provavelmente se relaciona com o fato de ele não poder antever a relação que as futuras gerações terão com o livro impresso e de se basear somente na experiência que ele próprio teve ao seguir o exemplo do pai.

A posição fortemente hierárquica estabelecida pelo Entrevistado 4 entre pergaminho/códice/versão digital mais uma vez corrobora a posição de Eco e Carrière (2010) quando os autores defendem a imortalidade do livro impresso mesmo com o advento da internet e dos dispositivos eletrônicos conhecidos como *e-readers*. O pergaminho foi o suporte para leitura e escrita predominante na Idade Média no Ocidente. Segundo Fischer (2006, p. 187), a partir de 1450, com a invenção dos tipos móveis e da imprensa, a “Era do Pergaminho simbolicamente se dobrava diante da Era do papel”. Se uma tecnologia tão antiga como o pergaminho ainda é mantida pelos judeus, não é difícil acreditar que a previsão do Entrevistado 4 esteja correta, ou seja, de que o judaísmo provavelmente continuará estabelecendo uma hierarquia e uma reverência relacionada ao suporte que contém o texto da *Torá*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo era investigar a disponibilidade de versões de obras sagradas em tecnologia digital e o seu impacto sobre as práticas de leitura tradicionais. Sobre a disponibilidade, pode-se perceber que as quatro obras investigadas estão disponíveis em versões digitais. Em relação ao impacto das novas tecnologias, nossa pergunta de pesquisa foi: como os protocolos de leitura e a habitual reverência ao suporte material de obras consideradas sagradas se alteram (ou se mantêm) diante de versões digitais dessas obras?

Nas entrevistas, pode-se notar que cada entrevistado demonstrou uma visão bastante pessoal e específica sobre a relação entre impresso e digital. No entanto, podemos perceber dois pares de opiniões mais ou menos semelhantes, quais sejam, a posição dos respondentes 1 e 3, de um lado, e a posição dos respondentes 2 e 4, de outro.

As entrevistas mostraram que, nos dois casos em que a reverência e os protocolos eram mais rígidos (Alcorão e Torá), a distinção clara que os dois respondentes fazem com relação à sacralidade da obra em suporte impresso e a sua função ferramental no suporte digital acaba por fomentar a permanência de práticas específicas de leitura do texto impresso. Por outro lado, a maior adesão das versões digitais por parte dos respondentes 1 e 3 pode ser reflexo de uma menor incidência de rituais e protocolos de leitura do texto sagrado em relação ao suporte.

É preciso admitir, no entanto, que os respondentes 2 e 4 estão na faixa etária de 50 a 55 anos, fato que pode fazer com que, por uma questão de diferença de gerações, na sua relação com o impresso, transpareçam tendências mais tradicionalistas do que na relação apresentada pelos outros dois respondentes, ambos com 29 anos de idade. Cabe, portanto, para o futuro, uma pesquisa mais abrangente sobre o assunto aqui tratado, envolvendo um número maior de sujeitos investigados e levando em consideração a variável “faixa etária” nos resultados de pesquisa e talvez até outras variáveis, como sexo, escolaridade, perfil socioeconômico, dentre outras.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral; GEIGER, Paulo. *Dicionário histórico das religiões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002, p. 297-300.
- CHARTIER, Roger. Do códice ao monitor: a trajetória do escrito. *Estudos Avançados*. [on-line]. 1994, vol. 8, n. 21, p. 185-199.
- CHARTIER, Roger. Comunicação pessoal. Curso de Altos Estudos Fronteiras do Pensamento. Porto Alegre, 22 de maio de 2007.
- ECO, Umberto; CARRIÈRE, Jean-Claude. *Não contem com o fim do livro*. Tradução de André Telles. São Paulo: Record, 2010.
- ELIADE, Mircea e COULIANO, Ioan P. *Dicionário das religiões*. São Paulo, Martins Fontes, 1995.
- FISCHER, Steven R. *A História da Leitura*. Tradução de Cláudia Freire. São Paulo: Editora

UNESP, 2006.

HINNELLS, John R (Org.). *Dicionário das religiões*. São Paulo: Editora Cultrix, 1989.

KÖNIG, Franz; WALDENFELS, Hans (orgs.). *Léxico das religiões*. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

LÉVY, Pierre. *As Tecnologias da Inteligência*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

RIBEIRO, Ana Elisa F. *Novas tecnologias para ler e escrever*. Belo Horizonte: RHJ, 2012.

SANTAELLA, Lucia. *Navegar no Ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTIDRIÁN, Pedro R. *Dicionário básico das religiões*. São Paulo: Santuário, 1996.

SOARES, Magda. *Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura*. *Revista Educação e Sociedade*. Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez 2002.

VILLAÇA, Nizia M. S. *Impresso ou eletrônico? - um trajeto de leitura*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

WOLTON, Dominique. *Internet, e depois? Uma teoria crítica das novas mídias*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

- i Dado calculado com base na Tabela 1.4.1 – (População residente, por situação do domicílio e sexo, segundo os grupos de religião) do Censo IBGE Brasil 2010. Disponível em: ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religioao_Deficiencia/tab1_4.pdf. Acesso em: 06 fev. 2013.